

## A ESTRUTURAÇÃO MÍTICA DAS SOCIEDADES PRIMITIVAS DA AMÉRICA LATINA

Sueli Hatsumi Okazaki<sup>1</sup>  
Giovane Moraes Porto<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar a estruturação mítica das sociedades primitivas da América Latina. Tendo como principal referencial as produções bibliográficas de Pierre Clastres, Mircea Eliade, Ailton Krenak e Julio Cezar Melatti. Assim, o objetivo desta pesquisa é apresentar alguns elementos fundamentais das sociedades primitivas que são organizadas a partir das narrativas míticas diversas da lógica europeia, e demonstrar que o princípio estruturante da sociedade influencia diretamente o modo existencial dos indivíduos e na formação da cultura. Com o intuito de conceber as características básicas das sociedades míticas, verificar-se-á a estrutura dos mitos, a representação do ato criacionista e a harmonia dos indígenas com a natureza. A metodologia utilizada será de caráter dedutivo a partir de pesquisa bibliográfica. É esperado chamar atenção para o fato de que os modos de ser e existir no mundo decorrem, também, da estrutura social.

**Palavras-chaves:** Sociedades Míticas; Indígenas; América Latina.

### ABSTRACT

This research aims to analyze the mythical structure of primitive societies in Latin America. Having as main reference the bibliographical productions of Pierre Clastres, Mircea Eliade, Ailton Krenak and Julio Cezar Melatti. Thus, the objective of this research is to present some fundamental elements of primitive societies that are organized from different mythical narratives of European logic, and to demonstrate that the structuring principle of society directly influences the existential mode of individuals and the formation of culture. In order to conceive the basic characteristics of mythical societies, the structure of myths, the representation of the creationist act and the harmony of the indigenous people with nature will be verified. The methodology used will be deductive based on bibliographical research. It is expected to draw attention to the fact that the ways of being and existing in the world also result from the social structure.

**Keywords:** Mythical Societies; Indigenous; Latin America.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Cidade Verde – Maringá-PR, e-mail: su-okazaki@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela UNESP-Marília, pesquisador-bolsista CAPES/PROEX, sob orientação do Professor Pedro Pagni; Mestre em Direito pelo UNIVEM, pesquisador-bolsista CAPES/PROSUP (2017/2019), sob orientação do Professor Oswaldo Giacoia Junior; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela UNOPAR; Pós-graduado em Tecnologias Aplicadas ao Ensino a Distância pelo UniFCV. Graduado em Direito pelo UNIVEM, pesquisador-bolsista PIBIC/CNPq (2014/2016). Atualmente é Professor no curso de Direito do Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV) em Maringá-PR. Membro do grupo de pesquisa Educação e Filosofia, liderado pelo Professor Pedro Pagni. Advogado (OAB/SP 389.602).

## INTRODUÇÃO

O presente texto irá analisar as bases estruturantes das sociedades míticas. Tendo como principal referencial a produção bibliográfica de Pierre Clastres, Mircea Eliade, Ailton Krenak e Julio Cezar Melatti. O objetivo do presente artigo consiste em verificar e assimilar o mundo mítico e sua estruturação na sociedade, com intuito de um entendimento entre o homem e o meio, e como se relacionam através dos mitos no modo de vida.

Analisar-se-á a relação de dominação pela crença e como compreender o mundo contemporâneo por um viés mítico. Sendo possível a constatação da relação entre o sagrado e o modo existencial, o elemento fundacional da realidade como divino, o Ente Sobrenatural. Busca-se demonstrar que a estruturação dos mitos e sua sacralização no mundo apresenta harmonia com a natureza estabelecendo uma economia de subsistência e não de excedentes.

No mais, esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema, mas apenas de trazer informações que instiguem o debate, notadamente, sobre a relação homem, criação, natureza, e modo de vida. A metodologia utilizada foi de caráter dedutivo utilizando a pesquisa bibliográfica como fonte de observação teórica.

### A Estrutura dos Mitos

As chamadas “sociedades míticas” consistem em agrupamentos humanos que possuem seu modo de relacionamento consigo, com o outro e com o mundo estruturados por narrativas de mitos, através de uma concepção de tempo cíclico e a partir de uma lógica cósmica. Nesta estrutura social os indivíduos são previsíveis, pois são organizados como parte de um único sistema maquínico. Com o objetivo de promover a harmonia, primeira parte do caos que se transforma em cosmo, a desordem que se transforma em ordem, o profano em sagrado, fazendo com que as formas e normas que garantem a sacralidade da ordem cósmica nunca sejam abaladas, pois estão *a priori* regidas pelas narrativas míticas, tudo que acontece no mundo está valorado e previsto nos mitos.

A espontaneidade do sujeito é eliminada pela regeneração cíclica do tempo, há a abolição da história para o caos não reinar, tornando a história sob o domínio do sagrado. O sujeito e a história estão previamente ordenados. Assim, “[...] o mito designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado,

exemplar e significativo”. (ELIADE, 1972, p. 07). Os mitos são arquétipos existenciais da sociedade e previsão histórica, que estrutura toda a realidade, a partir de narrativas míticas, tornando-as modelos significantes e exemplares de conduta humana, todo sujeito e toda a história precisa existir nos termos dos mitos.

Vista como uma tradição sagrada, como histórias sagradas dos acontecimentos ocorridos após a ordenação do tempo primordial, onde tudo começou e que dá sentido a todo comportamento da vida em sociedade. “Trata-se, ademais, de sociedades onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e Vida a atividade do homem”. (ELIADE, 1972, p. 10). Uma realidade que a partir de atos sagrados passou a existir e tudo deve existir conforme o sagrado.

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p. 11)

As sociedades míticas iniciam a partir da história de entes que no tempo prestigioso, na criação, se manifestaram plenamente, revelando sua sacralidade e produzindo assim uma realidade que passa a ser o fundamento do mundo, e a partir de cada narrativa contada, uma realidade veio a existir, de como algo foi produzido e assim passou a ser, através da irrupção do sagrado, da entrada súbita do sobrenatural no mundo e que vai definir o modo de vida da sociedade. Tudo é criação sagrada ordenada cosmicamente, portanto, tudo que existe deve estar em harmonia, sob pena de ser expressão do caos primordial que deve ser expurgado a cada novo ciclo.

o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente "verdadeiro" porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 1972, p. 12)

Por ser considerado uma história sagrada, por governar o que é real “o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas”. (ELIADE, 1972, p. 12). O mito cosmogônico busca responder como surgiu a humanidade, qual sua origem, como estabeleceu ou fundou o mundo em sua forma atual. Contado de forma a mostrar a origem do mundo, como tudo começou antes do homem, e dar significado a toda atividade humana e sentido a todo comportamento, que pela atitude criadora o homem passou a existir e a forma como deve viver, foi estabelecida, pois “a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria”. (ELIADE, 1972, p. 13).

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Ele é, mortal porque algo aconteceu in illo tempore. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente. Mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu in illo tempore, e, ao relatar esse incidente, explica por que o homem é mortal. (ELIADE, 1972, p. 16)

O modo de vida e o enigma do surgimento são contados pelos mitos. “O mito lhe ensina as "histórias" primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente”. (ELIADE, 1972, p. 16). Por meio de rituais, das reproduções harmônicas com o cosmos, os arquétipos não se alteram, mas organizam-se, pois, retornam ao conhecimento inicial e tudo volta a ser harmônico. O que Eliade quer demonstrar sobre os acontecimentos primordiais é que além dos acontecimentos da criação e eles também constituíram atitudes para que o homem existisse seguido de eventos, o homem reproduz a partir dos ritos

míticos todas as ações praticadas no tempo primordial. A vida humana é uma reprodução da ordenação primordial, devendo viver para colocar a ordem que é uma representação dos cosmos e sagrada.

Para o homem das sociedades arcaicas, ao contrário, o que aconteceu ab origine pode ser repetido através do poder dos ritos. Para ele, portanto, o essencial é conhecer os mitos. Essencial não somente porque os mitos lhe oferecem uma explicação do Mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo, mas sobretudo porque, ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram ab origine. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem. (ELIADE, 1972, p. 17-18).

A reprodução feita pelos rituais, reatualiza a existência dos mitos, vive-se o sagrado e o torna vivo novamente e mais perto da origem do homem, de sua vida e como tudo faz parte de uma história, significativa, preciosa e exemplar, trazendo a compreensão de como as coisas vieram à existência e o sentido dela. O modo primordial vivido nos rituais é a maneira mais próxima que o homem encontra para estar perto da ordenação primeira, revelando, assim, os meios de conviver no meio em que se está inserido.

Vemos, portanto, que a "história" narrada pelo mito constitui um "conhecimento" de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico-religioso. Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade. (ELIADE, 1972, p. 18-19)

Toda estrutura e função dos mitos serve para identificar e separar experiências vividas, consideradas realidades sagradas, realidade viva, necessária e relevante, garantindo a vida, atividades, cotidiano e destino de todos.

Essas poucas observações preliminares bastam para indicar alguns aspectos característicos do mito. De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem Os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito,

seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. (ELIADE, 1972, p. 21-22)

Tem muito significado viver a experiência de um ritual, revivendo o tempo prodigioso, isso torna forte as crenças e todo entendimento, integra-se o tempo e o torna mais forte. “Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar”. (ELIADE, 1972, p. 22). Observando toda função e toda natureza que o mito carrega, entende-se qual a verdadeira codificação da crença antiga e sabedoria prática, satisfazendo toda necessidade da sociedade indicando ao homem a maneira certa de conduzir todo ato e assim conservar o modo de vida.

## O Mito da Criação Originária

A relação do indivíduo com o sagrado é fundamental para a compreensão do modo de vida nas sociedades míticas, é a partir da noção de sagrado que o homem se mostra totalmente diferente do profano, se revelando a partir da hierofania que é quando a realidade de algo muda para um significado sagrado, ou seja, transmutada para uma realidade sobrenatural, uma sacralidade cósmica, portanto, o homem primitivo vive no sagrado e realidade, participando e adquirindo poder. “Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”. (ELIADE, 2018, p. 17).

A manifestação do sagrado torna um objeto qualquer em algo diferente, não muda a essência do objeto, mas tem outro significado, portanto, toda natureza é apta para se revelar como sacralidade cósmica. Assim, quando o homem participa dessa sacralidade, deixa-o mais perto do sagrado e estando dentro desse espaço e vivendo o máximo possível no universo sagrado, torna-o diferente do homem dessacralizado. Todo e qualquer sagrado é fruto de uma narrativa mítica, uma invenção humana.

Julio Cezar Melatti vai apresentar o mito na cultura indígena e toda a harmonia que os índios têm com a natureza, mostrando mais uma vez o mito como início de tudo em qualquer sociedade, como os indígenas contam a origem do universo, usando o ovo cósmico como um derivador de organização, como plena potência, no sentido de controle das ações, não dependendo do meio externo, assim o cosmo é determinado pelo organismo mitológico em uma organização social determinado. Melatti (2001, p. 01) cita a passagem de “como

apareceu *Yebá bëló* do nada. A princípio não havia nada e as trevas cobriam tudo. Uma mulher, *Yebá bëlo*, se fez a si mesma a partir de seis coisas invisíveis”.

O cataclisma inicial era o caos, as trevas, e a partir do ovo cósmico surge a organização social, a mulher no texto de Melatti é mostrada como um organismo de reprodução, como um devir e é a partir dessa possibilidade, a potencialização da luz em um mundo previsível, pré-estabelecido traz a ordenação. A mulher não reproduz a lógica do homem, ela reproduz a potência de vida.

Quando surge a sociedade organizada, surge também o ciúme pelo poder, “os trovões ficaram enciumados com o poder de *Ĕmëko sulān Palāmin*. A destruição do mundo são elementos naturais para as sociedades indígenas e a visão de morte e de vida, são vindas da natureza. Para as sociedades indígenas a natureza tem seu papel mais importante, porque mesmo antes da humanidade, ela já existia e assim considerada pré-existente ao homem. O modo de existência entre os indígenas “*ai viviam apenas a fazer coisas simples e boas: comer, beber, namorar e dormir, quando havia excessos, a divindade, tocando uma flauta, chamava a atenção de todos e os trazia à boa ordem*” (MELATTI, 2001, p. 03) e usavam a natureza como finalidade e não como meio. Portanto as coisas boas, considerada como coisas simples e a ordem pré-estabelecida, sem fatores externos controlando, mas a natureza, e é ela que puni a tribo sobre o excesso cometido.

A origem dos principais mitos é a inspiração do modo de vida, a eterna reprodução dos ciclos traz àquela sociedade o estabelecimento da ordem e explica o porquê do mito das crises, assim mantém e orienta o porquê cada comportamento individual ou coletivo ocorre fora da ordem, voltando, a partir da reprodução, ao modo de vida sagrado.

Diferente do antropocentrismo, é a natureza que mostra ao homem a forma que deve atuar, é por ela que os mitos atuam, portanto, a harmonização com a natureza e o equilíbrio com ela, partindo do princípio de que as crises são mostradas como ser superadas pela natureza e não pela humanidade.

como os ritos se repetem conforme um ciclo, que pode ser anual ou regido por um critério periódico, mantem de modo estável e esperado as ações e personagens míticos a que aludem. O mesmo acontece com os heróis e episódios desenhados nos céus. Os artesãos também tendem a reproduzi-los indefinidamente. (MELATTI, 2001, p. 03)

As crises cósmicas são interpretadas pelos indígenas como algo ameaçador se medidas de rituais apropriados não forem tomadas. O próprio mito prevê, como também mostra o caminho para resolver. Melatti menciona uma etnóloga na aldeia Waura e sobre um eclipse anular do sol e destaca a reação dos indígenas com o eclipse.

Notou ela que os índios surpreendidos pelo eclipse fora da aldeia mostraram um grande medo, ao contrario do que estavam nela; estes, apesar da inquietação e gritaria, mostravam maior controle de si, talvez por se sentirem mais seguros junto às casas e os companheiros. (MELATTI, 2001, p. 04)

O ritual faz parte de toda mitologia, é a maneira que os indígenas têm para retornar à ordem, e se não estão em sintonia, em harmonia com o cosmos, a crise se instala e o caos recai sobre eles, assim como aconteceu com a tribo, os que não estavam nela, entraram em desespero porque sabiam que não estavam em harmonia, no local sagrado, portanto suscetíveis a serem abatidos por algum castigo da natureza, conforme narrado nos mitos.

A natureza, considerada como sagrada, dá sinais de quando algo não está certo, a tribo identifica e cada um toma seu papel nos rituais e a representação como no tempo primordial é rememorado, atualizado, para que a normalidade. “No dia seguinte, todos tomaram banho coletivo na lagoa, para se purificarem. Os que estavam em luto foram banhados mais tarde, separadamente, dentro do espaço marcado pela cerca em torno da sepultura.” (MELATTI, 2001, p. 04). A reprodução do ciclo, traz à tribo o retorno a ordem anterior e o rito respeita toda a harmonização, o caos antes instalado, agora pode ser desfeito

As mulheres, percorrendo as casas da aldeia, faziam trocas de objetos. Simultaneamente os homens que não eram xamas faziam também suas trocas. A etnóloga interpreta essas trocas, tal como limpeza dos objetos substituição de cabos e fios pelos xamas, como forma de purificação: na impossibilidade de jogá-los fora, se afastariam deles pela troca. Ou então a troca seria uma forma de reforçar os laços sociais perante a desordem provocada pelo Sol. Apesar de afirmarem que nessas ocasiões se joga toda a comida fora, que está suja com o sangue do Sol, a etnóloga não viu essa medida ser tomada, acreditando que ela tenha sido simplesmente posta algum tempo fora da casa para ser purificada. (MELATTI, 2001, p. 04)

Quando a harmonia volta ao seu estado normal, a tribo se desfaz de tudo que, para eles, trouxe algum tipo de desordem, e que o ritual ofertado aos mitos, que por algum momento, também entrou em crise, retorne ao seu caminho.

As sociedades indígenas atravessam as crises sociais quando devido ao risco de serem dizimadas e os movimentos messiânicos se misturam com a cultura indígena tornando-se tradições ritualísticas, ou seja, as crenças messiânicas e as histórias míticas se convergem de tal forma a fazer com que todos cumpram rituais sagrados para impedir futuras punições dos mitos. Já a forma que toda crise pessoal aparece é pela natureza, que se encarrega, principalmente por meio de animais ou objetos e se manifesta ao homem, assim, passado os ensinamentos, seguindo uma estrutura para alcançar o mito.

Inspirado na leitura do artigo “A estrutura dos mitos” (Antropologia Estrutural, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967), então ainda não traduzido para o português, reduzi os quatros depoimentos ao seguinte esquema geral, ainda que os itens 8 e 9 não constassem de todos eles:

- a) um homem adocece;
- b) o homem está sozinho;
- c) um animal aparece ao homem;
- d) o animal cura a enfermidade do homem;
- e) o animal alimenta o homem;
- f) o animal dá poderes mágicos ao homem;
- g) o homem experimenta os poderes recebido;
- h) o homem sobe aos céus;
- i) o homem perde os poderes recebidos (MELATTI, 2001, p. 05)

É presente a harmonia com a natureza que o indígena tem, por ela que as crises são superadas e por ela que a paz é restaurada. A representação dos animais está fortemente presente representando a passagem para o mito, tal ligação é vista no cotidiano da tribo, a explicação porque determinado membro da tribo tem tal poderes de cura, como o xamã, vinda de um ser mágico que concedeu a ele tal poder de cura, da mesma forma que apresenta a retirada desses poderes, portanto, ao se tornarem xamãs, esses indígenas revivem o mito representado de cada tribo.

## **Harmonização e Relação da Natureza e a Economia de Subsistência**

O tradutor do pensamento mágico Ailton Krenak apresenta o modo de vida indígena em conservar o que é natural, e dá sentido a cada coisa, faz deles o que são hoje, fazendo parte do todo e assim permanecer parte da integralidade e ligando-os ao cosmo, não há a separação entre o Eu e o Outro, tudo é um Eu cósmico, natural, interligado.

Para Krenak (2019), a crença nos sinais faz parte do todo e os liga à razão, fazem dos indígenas o que eles são, seu modo de vida que “é uma forma de preservar de alguma

maneira a nossa integralidade, a nossa ligação cósmica” sempre pensando no coletivo, onde todos fazem parte de um plano.

quando os índios falam que a Terra é nossa mãe, dizem ‘Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita’. Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colocados no corpo da Terra. Somos terminal nervoso dela. Quando alguém fura, machuca ou arranha a Terra, desorganiza o nosso mundo (KRENAK, 2019, p. 10)

A ligação entre a natureza e a harmonia entre o homem está em respeitar os limites da natureza para que a resposta seja uma vida saudável, no sentido de viver na e com a terra, sendo a própria terra. A violência exercida por homens “brancos” em sua sociedade traz a preocupação de preservar e conservar as tradições antigas dos povos que a milhares de anos vivem e são aquela terra, quando sofrem essa violência, a tribo continua com suas tradições e seus rituais para manter o equilíbrio do que consideram parte da sua existência, a terra, a natureza.

Os nossos parentes Maxacali continuam até hoje cercados por todas aquelas fazendas, sendo moídos por aquela violência colonial em volta deles. Mas 90% deles não falam português e se negam a aprender português – como uma maneira de continuar vivendo neste mundo, que são capazes de recriar todo dia. Eles dão nome a todas as plantas e animais que existiram naquela paisagem antes de ela ser destruída. Cantam para eles, invocam a presença deles e criam um mundo animado para poder habitar (KRENAK, 2019, p. 12)

Krenak se refere a constelação, que todos estão juntos, fazem parte do todo, o homem como um terminal nervoso da natureza em que sentem tudo que afeta a ela, “saber de onde veio e ter alguma perspectiva de para onde se está indo. Cada um dos nossos povos têm um conduto e, se você ficar nesse lugar, relaciona-se com outros mundos sem tanta aflição.” (KRENAK, 2019, p. 13).

O mundo se tornou capitalista e esqueceu de como foi o fim do mundo, transformando o capitalismo em religião e deus em mercadoria. “O mito de origem dos brancos é um mito de dominação da Terra. O deus deles mandou eles dominarem a Terra. Eles são obedientes, só estão fazendo o que foi mandado.” (KRENAK, 2019, p.14)

A cosmovisão de um capitalismo impregnado no mundo dificilmente vai mudar, diferentemente das tribos que resistem porque não tentam mudar a Terra, mas sim ter uma convivência, interação, para ter dela o melhor que ela pode oferecer, sem desrespeitar sua

integralidade, Krenak entende que uma coexistência entre esses dois mundos será difícil de acontecer e que integrar as duas visões de mundo não seria possível. “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra.” (KRENAK, 2019, p.17) um pensamento de existência mágica e não apenas reprodução material de vida.

Nesse sentido, Pierre Clastres em “A Sociedade contra o Estado” trata do assunto sobre porque entre os indígenas ameríndio não ter surgido um Estado, procura compreender como a função política é diferenciada e qual o papel dos chefes (caciques) e pajés na tribo, e a partir dessa perspectiva de ação política significar o que é a “sociedade contra o estado”, apresentando como o impedimento do desenvolvimento de relações hierárquicas de política de mando e obediência, agindo pela manutenção de um mundo político livre de forças evolutivas acima deles que os levariam a uma sociedade estatizada. Seus estudos parte da análise destes pressupostos científicos que coloca o índio numa posição de inferioridade cultural e racial, assim vai analisar a partir de uma perspectiva de ação política. Partindo dessa visão, Clastres também traz à discussão das sociedades primitivas com uma economia de subsistência, não produtora de excedentes para a comercialização. As ciências sociais tradicionais classificam as sociedades indígenas como primitivas, decorrente de uma comparação com as sociedades estatais europeias, destacando, principalmente, a ausência de tecnologia.

se entendermos por técnica o conjunto dos processos de que se munem os homens, não para assegurarem o domínio absoluto da natureza (isso só vale para o nosso mundo e seu insano projeto cartesiano cujas consequências ecológicas mal começamos a medir), mas para garantir um domínio do meio natural *adaptado e relativo às suas necessidades*, então não mais podemos falar em inferioridade técnica das sociedades primitivas: elas demonstram uma capacidade de satisfazer suas necessidade pelo menos igual àquela de que se orgulha a sociedade industrial e técnica. (CLASTRES, 1974, p.185)

A utilização da tecnologia feita pelas tribos para suas necessidades e o uso dos equipamentos adequado às necessidades demonstram a capacidade satisfazer e o que para aquela sociedade, para aquele momento e necessidade o ideal de técnica usada não precisa ser superior a usada, um “argumento sem fundamento em direito nem em fato”, não é considerado falta de habilidade técnica. A ideia que a civilização ocidental tem de que o desenvolvimento da sociedade se dá pelo Estado e que é preciso trabalhar para viver

contrasta com a ideia de que viver sem a necessidade de um Estado para uma sociedade organizada e viver plenamente sem a necessidade de trabalhar.

Os índios, efetivamente, só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho. E apesar disso não morriam de fome. As crônicas da época são unânimes em descrever a bela aparência dos adultos, a boa saúde das numerosas crianças, a abundância e variedade dos recursos alimentares. Por conseguinte, a economia de subsistência das tribos indígenas não implicava de forma alguma a angustiada busca, em tempo integral, de alimentação. (CLASTRES, 1974, p.187)

O tempo limitado de produção realizado pelas tribos era baseada na agricultura, a caça, a pesca e a coleta consideradas não como trabalho mas como prazer, ou seja, para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência não era necessário ultrapassar a produção, mas garantir o mínimo necessário de interação com o meio que ocupa, portanto, considerar a sociedade ameríndia como uma sociedade primitiva e miserável é equivocado, uma vez que o modo de vida é diferente das sociedades “desenvolvidas” em que o trabalho é necessário para sobrevivência, em que a atividade ultrapassa as necessidades básicas pela força.

É sempre pela força que os homens trabalham além das suas necessidades. E exatamente essa força está ausente do mundo primitivo: a ausência dessa força externa define inclusive a natureza das sociedades primitiva. Podemos admitir a partir de agora, para qualificar a organização econômica dessas sociedades, a expressão economia de subsistência, desde que não a entendamos no sentido de necessidade de um defeito, de uma incapacidade, inerentes a esse tipo de sociedade e à sua tecnologia, mas, ao contrário, no sentido da recusa de um excesso inútil, da vontade de restringir a atividade produtiva à satisfação das necessidades. (CLASTRES, 1974, p.189)

Assim, todo trabalho realizado pelas tribos segue rituais da era dos primórdios, a necessidade de cada tribo se satisfaz na medida cumprem com o papel de respeitar a terra, a natureza, e ela retribui oferecendo o alimento necessário. Economia de subsistência para os povos indígenas não no sentido vadiagem, preguiça, defeito, mas sim de usar somente o necessário. Ailton Krenak quando diz que a comunidade indígena é um coletivo, onde todos estão interligados com a natureza e que isso traz para a tribo o necessário para viver, Clastres demonstra que as sociedades contra o Estado, as sociedades que não há hierarquia de poder, um mando e obediência, mas sim um eu coletivo entre os seus para que a harmonia e não o caos esteja entre a tribo, e os mitos se relacionam com cada indivíduo

através dos rituais sem a necessidade de coação de um poder mandatário. Portanto, Clastres descreve a antropologia econômica das sociedades primitivas como uma dimensão não-autônoma da vida social primitiva.

É muito antes, quando essa dimensão do “fato social total” se constituiu como esfera autônoma, que a ideia de uma antropologia econômica parece fundamentada: quando desaparece a recusa ao trabalho, quando o sentido do lazer é substituído pelo gosto da acumulação, quando, em síntese, surge o corpo social essa força externa que evocamos antes, essa força sem a qual os selvagens não renunciaram ao lazer e que destrói a sociedade como a sociedade primitiva; essa força é a potência de sujeitar, é a capacidade de coerção, é o poder político. Mas, em consequência disso, a antropologia deixa desde então de ser econômica, e perde de alguma forma o seu objetivo no próprio instante em que crê agarrá-lo, e a economia torna-se política. (CLASTRES, 1974, p.190)

A dimensão não-autônoma das sociedades primitivas é o contrário da coerção exercida pela sociedade de economia estatizada, são atividades de produção suficiente para as necessidades, ou seja, somente para repor o que foi gasto de energia durante o dia, “em outros termos, é a vida como natureza [...] que fundamenta e determina a quantidade de tempo dedicado a reproduzi-la”. O que for além disso a sociedade primitiva não o deseja, pois acreditam não ter finalidade o que for excedente.

Como conceber uma vida sem Estado, sem chefes, sem acúmulo de capital, com conhecimento e tecnologia? Essa comunidade não parece existir, muitas vezes ouvimos, que os indígenas precisam trabalhar, que seus filhos precisam ir para a escola, precisam sair dos sinaleiros, o que essas mães fazem é um absurdo, dizem. Mal sabemos que a mãe ficar ao lado de seu filho o tempo todo faz parte da cultura destes povos. Para nós é inconcebível que eles pensem e sejam de outra foram, seus mitos, seus costumes, seus hábitos, sua religião, a forma como veem o mundo, Krenak fala que eles têm a terra como uma mãe, eles fazem parte de tudo isso, por isso respeitam ela, o que para nós ocidentais colonizados é estranho. Estamos destruindo nosso planeta e querendo descobrir outros para fazer o mesmo, o que pensar de nós e deles? Dois mundos tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo.

A Constituição Federal em seu Art. 231 afirma que: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. A pergunta que se faz é, estamos respeitando os direitos

destes povos originários da terra? Importante ressaltar que a população indígena brasileira, segundo resultados preliminares do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, é de 817.963 indígenas, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras. Este Censo revelou que em todos os Estados da Federação, inclusive do Distrito Federal, há populações indígenas. A Funai também registra 69 referências de índios ainda não contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista e são pelo menos 274 línguas faladas, o censo demonstrou que cerca de 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa, dito isso precisamos entender que quando falamos de indígenas eles não são únicos e sim variados e complexos.

Ailton Krenak, no documentário “Guerras do Brasil” diz ao repórter:

Nós estamos em guerra eu não sei porque você está me olhando com essa cara tão simpática, nós estamos em guerra, o seu mundo e o meu mundo estão em guerra, a falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando, não tem paz em lugar nenhum é guerra em todos os lugares o tempo todo

Na entrevista à Revista Cult, o autor faz a seguinte afirmação: “a longa história de resistência de meu povo me faz acreditar que quando esse mundo acabar nós vamos resistir, porque nós sabemos onde estamos”. Esses povos lutam por suas terras a centenas de anos primeiro contra os portugueses que lhe devolveram a morte em troca do respeito e cuidado dado pelo indígena na sua chegada ao Brasil, depois contra franceses, holandeses e mais atualmente contra o governo atual, segundo o jornal BBC Brasil, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que o mês de junho de 2020 registrou 2.248 focos de incêndio na Amazônia — é o maior número desde 2007. É também um aumento de 19,5% em relação ao mesmo mês do ano passado, quando foram registrados 1.880 focos. Outra medição do Inpe registrou recorde de derrubada da floresta já em maio: foram 829 quilômetros quadrados de mata perdidos. É quase o tamanho da área urbana de Brasília, e o maior número dos últimos cinco anos.

Para os indígenas a terra faz parte de sua vida, seus rios, suas matas, e como o homem branco tem tratado dela, hoje e ontem, para o homem branco o que importa é o lucro, Darci Ribeiro, conta uma história que um velho pajé, pergunta para um português para que vocês precisam de tanto pau Brasil, nem em cem anos você usará tudo isso?

Krenak diz: “A religião do homem é o capitalismo e seus deus é a mercadoria, isso significa é que o a sociedade capitalista contemporânea vem maltratando a Mãe Natureza e ela vai se vingar, mais dia menos dia”.

O Estado teoricamente serviria para cuidar de todos os cidadãos e cidadãs do território brasileiro, porém tem sido insuficiente no que concerne aos povos indígenas, segundo estudos as instituições que deviam presar pelo cuidado dos povos nativos do Brasil, tem deixado a desejar.

O desprezo por estes povos nos últimos anos tem aumentado, ainda em campanha, o atual presidente, deixou evidenciado que os indígenas não teriam nenhum milímetro de demarcação de terras. Temos assistido a um aumento da invasão de grileiros nas terras de muitos indígenas. Outra preocupação é com a emenda constitucional e projetos de lei, como o PL 191/20, que regulamenta a exploração de recursos minerais, hídricos e orgânicos em reservas indígenas.

Sendo assim, atualmente os indígenas têm sofrido constantemente ataques, e como bem disse Krenak, “estamos em guerra o tempo todo e isso não cessa”. Resta saber o que o Estado de Direito brasileiro fará para garantir que a Constituição Federal seja cumprida e os povos originários protegidos, como pressupõe a Lei do Estado brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa dos textos de Mircea Eliade, Julio Cezar Melatti, Ailton Krenak e Pierre Clastres nos evidência a importância de compreender como as sociedades míticas se relacionam com o mundo a fim de constatar a importância da relação que o mito, a natureza, o trabalho e as sociedades primitivas estão interligadas.

Por terem uma lógica cósmica, as sociedades míticas são consideradas parte da natureza, interagem e fazem parte de um todo, sem autonomia, todo o ser, o existir do indivíduo é pré-estabelecido antes mesmo de sua existência e que mantém a ordem social. O devir do indivíduo mítico é pela plena potência, por uma organização social estabelecida.

Após a apresentação dos temas, destaca-se a importância de retomar a harmonia do homem com a natureza, para compreender o rumo que a sociedade atual tem vivido.

Verifica-se que as sociedades míticas têm um papel fundamental para uma harmonização com o meio e a na construção de uma sociedade na sua totalidade, com a natureza usando o equilíbrio, e sim, abrangendo todas as áreas, inclusive a mítica. A fim de

ter um olhar para o futuro, há necessidade de se entender o passado e toda a história, desde os primórdios, que aos poucos foi deixado para traz ou interpretada de maneira equivocada.

## REFERÊNCIAS:

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Editora: Francisco Alves, 1974.

KRENAK, Ailton. **O Tradutor do Pensamento Mágico**. Revista: Cult, 2019.

MELATTI, Julio Cezar. **O Ovo Cósmico e o Cataclisma Inicial**, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Mito nas Crises Cósmicas, Sociais e Pessoais**, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **O Mito do Eterno Retorno: Cosmo e história**. São Paulo : Mercuryo, 1992.

FUNAI. Quem são: índios no Brasil. 2020. Disponível em:  
<<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>>. Acesso em: 01 set. 2020.